

# Quando o escritor se diverte



Da experiência de um encontro literário maçante, Cristovão Tezza se vinga com humor para escrever *Beatriz*, seu novo livro de contos

PAULO CARVALHO

paulocarvalho.pe@dabr.com.br

**N**uma noite de 2006, quando terminava de escrever o premiadíssimo *O filho eterno* (o título recebeu os prêmios literários mais importantes de 2008 - São Paulo de Literatura de melhor livro do ano, Jabuti, Portugal Telecom, Bravo!, APC e Zaffari & Bourbon), o catarinense radicado em Curitiba, Cristovão Tezza participaria de uma mesa redonda especialmente desagradável ("ou apenas maçante, em que vivendo a ressaca de um livro muito difícil e de futuro incerto, com a vida profissional em crise - eu já não aguentava mais a universidade, de que levaria ainda três anos para me demitir -, proponho a pensamentos negativos sobre tudo e todos, me perguntava secretamente o que estava fazendo ali, naquela situação ridícula, desconfortável no palco, sentindo-me acuado").

No dia seguinte, a experiência resultaria na escrita "frenética" do conto *Alice e o escritor* (publi-

cado pela primeira vez no mesmo ano no site *Trópico*, do portal UOL e em 2009 no jornal inglês *Drawbridge* segundo tradução de Alison Entrekin), um divertimento, literal e literário, sobre os constrangimentos do encontro maçante ("eu escrevi me divertindo - ria mesmo, feliz, das tiradas do personagem, enquanto digitava frenético a história"). Nele, Tezza põe nos limites do conto sua característica mais marcante: a maneira como os muitos narradores se imiscuem - seguindo um discurso direto que se transforma magicamente em dis-

## Tezza conquistou os principais prêmios do país com *O filho eterno*

curso indireto livre, para depois emergir quase indistintamente deste mais adiante.

Acontece que *Alice e o escritor* não foi um flerte rápido com os "verdes anos" de Tezza contista. Dessa história sobre escritores rivais (um fracassado e provinciano, o outro, claro, bem-sucedido e bem-casado), nasceram outras "não tão breves e não tão longas" recém lançadas em um único livro, *Beatriz* (Record, R\$ 34,90, 141 páginas). O título é aberto pela narrativa aqui descrita, mas *Alice*, "nome literário demasiado óbvio sob a sombra de

Lewis Carroll", é rebatizada como *Beatriz* (um nome, aliás, sobre o qual talvez não se pudesse dizer algo distinto, certo?).

"Parece diferente do comum dos meus livros, pelo menos em sua gênese", explica Tezza em apresentação ao título. "Como sou um não contista, o que eu tinha ali, de fato, eram dois personagens (*Donetti* e *Alice*) que só fariam sentido para mim se tivessem mesmo um passado e um futuro", continua o escritor sobre estes duplos distantes - Antônio Donetti, criado em *Ensaio da paixão*, e a arrebatadora *Alice*, um "gancho" da vingança de Donetti contra o bem-sucedido Cássio.

*Alice* seria ressuscitada posteriormente num conto escrito por encomenda (o ótimo *Aula de reforço*). Depois vieram os textos *Alice e a velha senhora*, *Um dia ruim*, *Amor e conveniência*, todos em torno desta professora e revisora de textos. O acidente no meio dos contos surgiria em forma de romance, *Um erro emocional* (Record, 2010), inicialmente um texto que deveria ficar contido em "dez ou quinze páginas". Foi nesse momento que *Alice* virou *Beatriz* e Antônio se transformou em Paulo. O último texto de *Beatriz* é *O homem tatuado*, que segundo o autor um dia pode ser também estendido em um romance. *Beatriz* não é portanto a continuação de *Um erro emocional*, mas as premissas que levaram a ele.

# Inveja dos autores de livros policiais

“Nunca fui contista. Escrevi um único livro de contos na vida, *A cidade inventada*, histórias sofridamente criadas e buriladas entre 1969 e 1979 com a intenção de aprender a escrever as artes da ficção, e publicadas em 1980 por uma cooperativa de escritores curitibana que logo foi à falência”, lembra Tezza, para quem discutir as diferenças entre o conto, o romance ou a novela é como “discutir o sexo dos anjos”.

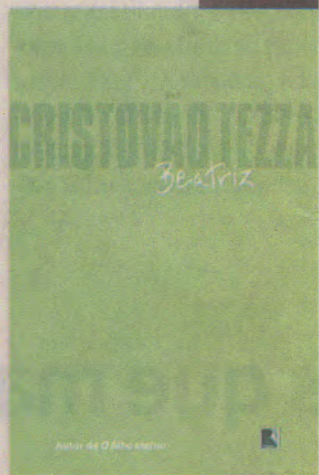
“Há muitas diferenças técnicas entre conto e romance, definidas ou pelas frases de efeito, ou pelas tentativas de ciência literária, como a geometria estruturalista que, em gráficos de página inteira, era capaz de explicar por que *O velho e o mar*, de Hemingway, seria um conto, e *A morte de Ivan Ilítch*, de Tolstói, um romance, ou vice-versa. E é preciso definir também a novela, o que põe outro complicador. Muitos simplificaram o problema definindo esses três gêneros pelo número de páginas, o que me parece bastante sensato”, conclui.

Mas se não há diferenças, porque Tezza só agora se aventura por narrativas breves, além da tentativa da juventude? “Têm a grande vantagem de serem curtas, o que torna o eventual desastre bem menor - é melhor cair de 10 páginas do que de 400, plagiando (duas vezes) mestre Machado. Mas há uma razão secreta bem específica. Para não dizer que sou um escritor sem imaginação, o que seria um exa-

gero mortificante, diria que sou um escritor de pouca imaginação fabular”.

“Sempre morri de inveja dos autores de livros policiais, dos roteiristas de novelas, dos romancistas de aventuras. Com suas sequências rocambolescas - enfim, de todos os grandes narradores que fazem da rede mortal da verossimilhança um discreto fio de aço que não se rompe nunca e vai nos levando naquela conversa absurda até a última página. Pois bem, na minha política de criação de personagens, sou um escritor econômico, morrinha mesmo. Um personagem, essa misteriosa representação, esse duplo esquisito que é a alma de toda narrativa, é para mim uma construção penosa, quase uma figura verdadeiramente real que vou desbastando a duras golpes de linguagem até ela se tornar outra coisa, até se constituir num espírito singular, cuja voz tenha um bom grau de autonomia e não fale o tempo todo por mim”

“Não é justo, diz a minha incompetência - seguindo o clássico raciocínio segundo o qual aquilo que eu não sou capaz de fazer não é bom ou já está superado”. Claro, Tezza em seus limites de fabulação (certamente uma distorção de realidade, como a que gerou Alice, um personagem de tantos matizes...), permita-me contradizê-lo, é capaz. *Beatriz* é mais um livro imperdível com sua assinatura.



## SERVIÇO

*Beatriz*,  
de Cristovão Tezza  
Editora: Record  
Preço médio:  
R\$34,90